

plendor; haver em Guimarães e Lisboa exímios ourives; exercer-se em ambas estas localidades a arte de esmaltar com muita proficiência, como provam a mencionada custodia de Belem e outras obras d'esse tempo; e vêr-se representada, entre os relevos do mesmo calix, a fachada da sé de Braga.

O calix tem gravada em volta da boca a primeira parte da formula da consagração: *Hic est enim calix sanguinis mei.*

Agradecemos ao sr. Antonio Lopes de Figueiredo as informações que nos enviou sobre estas peças do thesouro da sé primacial.

I. VILHENA BARBOSA.

A POESIA REVOLUCIONARIA

E A
MORTE DE D. JOÃO

(Poema pelo sr. Guerra Junqueiro)

Em 1865 saíram á luz em Coimbra as *Odes modernas*, do sr. Anthero de Quental.

Esse livro, além do seu valor intrínseco, possui para o caso de que nos occupámos o valor especial de ter sido o iniciador do género de poesia de que o volume do sr. Junqueiro nos dá hoje um exemplar excellentissimo.

Na nota que o sr. Quental juntou aos seus poemas lê-se: «A poesia moderna é a voz da Revolução, porque a Revolução é o nome que o sacerdote da historia, o tempo, deixou cair sobre a fronte fatidica do nosso seculo. Como do seu Deus dizia o apóstolo antigo, *in eo vivimus et sumus*, podemos nós com razão ainda maior afirmar do grande espirito de revolta da nossa idade. N'elle e por elle é que somos, por elle e n'elle é que vivemos. — O ar que a nossa sociedade respira, a atmosphera turva e agitada, mas vivificante, em que vae penetrando dia a dia, não é já composta, não, de boas e paficas creanças velhas, de resignação, de obediencia, de fé sublime... e cega. Outro é o ar! abrem-se os olhos para lér as contradicções dos santos, dos venerandos, dos excellentes livros antigos. Estendem-se as mãos para palpar, sob os vestidos de brocado dos bons ídolos d'out'ora, o pau de que eram feitos... e o ferro também muitas vezes.»

Desde que a Europa ouviu pela primeira vez nas modernas idéas proclamar o principio da Justiça como fonte do direito e da moral, desde o apparecimento do grande livro de Grotius *De jure pacis ac belli*, nunca mais a Revolução deixou de presidir aos destinos das nações europeas. N'ella viveram e foram. N'ella vivem e são. As transformações religiosas, a evolução philosophica, as revoluções sociais e politicas, o progresso das sciencias, são as lages da grande via, estrada amplissima que ha tres seculos os povos europeus seguem pisando em precissão épica.

Os artistas vão na frente enchendo o ar com suas musicas; e é segundo o rythmo afinado pelo diapason do grande todo que marcha, é a compasso medido pelo andar do exercito divino, é recebendo dos que os seguem a inspiração de que vivem, troando e gemendo, os risos de envolta com as lagrimas, pedindo á alma humana o seu segredo, e aos homens a sua idéa; é assim que os artistas, — percursores inconscientes que sentem o que não lhes é dado definir, — incitam, preparam, decidem, o caminhar ondulado da massa de homens que progride na larga via da historia.

A *Morte de D. João* é o livro de um artista na rigorosa e mais bella accepção da palavra. E-o tambem de um poeta. Poeta é aquelle que adivinha; a poesia é uma religião, ou antes uma metaphysica concebida religiosa, imaginativa, não racionalmente. Artista é o que possui o dom de sentir o lado bello das cousas e de as referir com as palavras, notas, côres ou fôrmas, mais adequadas para nos transmitir a energia das suas impressões. O auctor da *Morte de D. João* é mais artista do que poeta.

No decurso d'este trabalho travaremos conhecimento com o artista; é portm do poeta que especialmente nos hamos de occupar. Qual é o principio que domina o Universo? pergunta o poeta: A Justiça.

Tal resposta, dá á obra os fóros de objecto vivo, são e férte, auctorisa a critica a estudal-a, e manda a todos os que amamos este mundo em que vivemos, a todos os que crêmos em suas obras, a todos os que esperamos para os homens um porvir de grandeza

e de virtude igual ao passado enorme de sombras e de angustias, manda que nos demoremos aqui, á sombra perfumada de uma bellissima efflorescencia artistica, a medir este novo marco da estrada da Revolução.

A semente lançada á terra da poesia nacional, vae em dez annos, produziu agora o seu mais bello fructo.

I

Já passou o tempo em que a vertigem do heroismo inchava os homens como na fabula da rã e do boi. Os gigantes-pygmeus do principio d'este seculo viram-se ainda em vida reduzidos ás proporções mesquinhas dos mortaes. Um pseudo-Prometheu carpia em Santa-Helena; Chateaubriand, o Juliano-apostata do catholicismo, despia o manto nas *Memorias*; os Rolandos do imperio humilhavam-se perante o obeso Luiz, 18 de nome; o grande eu heroico de Fichte e de Schiller apparecia em Waterloo com Blicher e depois em Paris a dar uma amostra dos prussianos de 1870. E, como verdade fria d'essa época de grandes illusões, restam-nos duas figuras, dois unicos homens que dominaram a situação, Metternich, um imbecil, e Talleyrand, um maroto.

Quem forjava os heroes da tragi-comedia era uma litteratura doente e uma philosophia insensata. O espirito humano, commovido pelo drama colossal de 1793, abandonára momentaneamente as suas gloriosas tradições: fulminava o seculo xviii e o seu espirito scientifico, esquecera Montesquieu e Gibbon, não sabia da existencia de Vico, e finha horror a Locke e a Diderot. Nem Lamarck, successor de Buffon e verdadeiro precursor do transformismo, nem Goethe e a escola naturalista da Alemanha, podiam achar graça perante os visionarios.

Napoleão, commandando batalhas com o Ossian-Macpherson no bolso, dá uma idéa exacta d'esta face do tempo de nossos paes. — Byron, o auctor do *D. João*, e o escandaloso demónio que feriu na face o pudor das fêmeas inglezas, alistando-se entre os libertadores da Grecia, morrendo mesmo em Missolonghi, dá outro aspecto da época: o homem, apaixonado e indomito, conforme o entevira Rousseau e Fichte o prérgava.

O *D. João* de Byron é o monumento litterario mais característico da época, e a *Morte de D. João* está para elle como a obra prima de Cervantes está para os Amadis.

A *Morte de D. João* é these de um tal alcance que o poema do sr. Junqueiro a não abrangem toda. D. João não é somente o deus-vasso nos seus diferentes exemplos: D. João é o eu indomito de Fichte; D. João é aquelle homem, composto de ardença e paixões, de nobres loucuras, e de atrozes crimes, e de nojentas misérias, e de grandes amores, mixto confuso e anarchico de todos os factores constitucionaes do temperamento, elevados á maxima potencia. D. João é esse homem, e era com um homem assim que sonhavam os românticos. Matar D. João é afirmar que a consciencia humana voltou a sentir-se, e o homem a venerar alguma cousa que é superior aos seus instintos e ás suas paixões, a respeitar uma auctoridade que o envolve, e um critério que o domina.

D. João e a sua morte são a philosophia do subjectivo e a do objectivo: a moralidade do facto está no momento solenne da historia do espirito, não no castigo do deus. A devassidão e os crimes de D. João são metade só do homem, e metade necessaria á outra do heroismo e do louco amor. Não é o facto de D. João ser malvado que importa a sua condemnação; o que o condemna é a razão porque elle é malvado, razão necessaria de malvadez. O heroe é por força um fascinora.

Ora o toque para obras da natureza do *D. Quijote* ou da *Morte de D. João*, antitheses litterarias que vão de frente a um typo que consagra o ideal de uma época, e que consagram ellas em si, pela comprehensão do ideal que se lhe substitue, a completa e verdadeira morte do heroe caído. O humanismo que respira o *Quijote* é a atmosphera embalsamada em que vive a Renascença. Na *Morte de D. João* respiramos sim o seculo xix (com as reservas que irei expando), mas a antithese é incompleta porque não foi profunda a comprehensão do heroe. O auctor viu D. João com olhos de artista, e logo notou como com a guitarra elle conquistava todas as moças, como as perdia todas, como era um poco de immundicies; e foi a esse heroe da litteratura que deitou por terra. Mas atraz d'elle, dominando-o e produzindo-o, se tivesse aberto os olhos de poeta, de vate, teria visto o heroe da philosophia, o enmstruoso de Fichte.

O heroe litterario, o D. João romanesco, é porém só uma das faces litterarias do romantismo; a outra deita raizes pelo seculo xviii. Tem por um dos avós ao abbade de Saint-Pierre, é boa metade de Rousseau, e dá o tom a Robespierre e á sua religião extravagante; Rousseau e Robespierre tinham ambos nascido para abbades, mas uma ironia da sorte fez de um philosopho, do outro dictador. Mais um abbade — abbades não são homens — cerra o côro dos fundadores d'esse genero piegas: o abbade Delille, o mellifluo auctor dos *Jardins*, o que enchia os salões dos Martes e das

No decurso d'este trabalho travaremos conhecimento com o artista; é portm do poeta que especialmente nos hamos de occupar. Qual é o principio que domina o Universo? pergunta o poeta: A Justiça.

Tal resposta, dá á obra os fóros de objecto vivo, são e férte, auctorisa a critica a estudal-a, e manda a todos os que amamos este mundo em que vivemos, a todos os que crêmos em suas obras, a todos os que esperamos para os homens um porvir de grandeza

Minervas de cartão do imperio francez. Retemperado pelo *Genio do christianismo*, o genero resuscita em Lamartine, e Byron em George-Sand. Mellieu apparece de Jocelyn, e D. João de mulher: mudaram-se as scenas, os actores são os mesmos.

O lado propriamente litterario da revolução moral do nosso tempo, eis o que o artista da *Morte de D. João* sentiu e disse em versos memoraveis.

A musa dos lakistas apparece-lhe e manda-lhe cantar consas que vão já com effeito, cantadas, choradas, grunhidas, e ditas a final em todas as vozes, de todos os animaes bipedes que tem enchido as livrarias modernas, com os productos do seu estro apaixonado ou sensível. Vae o poeta observando á musa os obstaculos que o seu coração de homem de bem, e a sua consciencia de homem sensato, oppõem a esse modo de pensar, e a musa respondendo, até que a final, perdida a esperança, foge.

A musa dos lamartínianos, entretanto, nunca em seus dias ouso empregar com serviço proprio a ironia, essa alegre companheira, e consoladora infinita de todos os bons espiritos. A ironia não se compadece, é verdade, com as regras litterarias da contemplação do vazio, das lamentações ao luar, e dos canticos de erotismo amoroso:

— Se ha estrellas no céu e rosas pelo monte,
Se sabes lér Petraracha e lér Anacreonte,
Se a tua amante é bella e se o teu sangue é novo,
Deixa espalgarde o coração do povo,
Deixa morrer Catão, deixa insultar a luz,
Deixa queimar Voltair, deixa matar Jesus...
Não cessam de cantar por isso as cotovias,
Que o Pontífice lamba os pés das monarchias,
Que Tartufo conspire e D. João seduza,
Que a treva innuado a escola e a honra empenhe a bluzza,
.....
Que nos importa a nós? Que importa o bem e o mal,
As velhas dissensões, a lucta, o dogma, a critica?
Os rouxines não têm opinio politica,
As flores não vão lér as obras de Proudhon...

Ora a musa dos poetas-lyricos nunca disse estas consas, não as sabe, nem quer saber, e duvidou que fallasse em tão bons versos. Seja como fór

..... a branca appareição, ligeira como o vento,
Perden-se pelo azul do claro firmamento.

A musa não pôde responder, foi batida. A brisa, as aguas, os ribeiros, e todas as flores do prado, desde a ecem até á bonina, e todos os labios de todas as virgens, a geographia e a botanica e a zoologia dos lamartínianos não conquistaram o moco, o forte, o vivo poeta moderno, das modernas paixões, dos valentes e profundos pensamentos, cuja musa é outra

..... a grande musa austera
Que habita junto a Deus na eterna primavera
Dos astros e dos sóes.

É ella que lhe apparece, é que o poeta ouve, como á sybilla, em religioso silencio, quem lhe manda que defina a lei suprema,

Que rege o movimento e as fôrmas da materia;
.....
Os globulos do sangue e os globulos dos mundos,
As correntes do mar e a lucta das paixões,
O verme e a tempestade, os homens e os vulcões.
.....
Definir essa lei, eis o immortal problema.
Trabalha para isso a natureza inteira:
A consciencia, o ferro, a bussola, a caldeira,
O magnetismo, a luz, as prensas, o martello,
A voz da intuição e a lingua do escarpello,
A critica e a fé, os dogmas e os metaes.
E é d'este turbilhão de sciencias colossaes,
Dos livros, do vapor, das forjas, dos museus,
D'esta aproximação immensa para Deus
Que hão de surgir em breve, athleticas, radiantes,
Musas para inspirar theorbas de gigantes.

Eis shi a confissão do poeta, eis o alicerce de granito d'este livro que ha de viver, como vivem as consas verdadeiras e santas. Conceber o movimento da vida real e positiva como *aproximação para Deus*, é comprehender toda a profundidade verdadeira do pensamento moderno, para o qual deixou ha muito de existir o velho Deus exterior e inimigo, perante quem nós homens eramos tyteres movidos pelo cordel, cheio de nós, da sua divina graça, e cuja adoração consistia no sacrificio de tudo quanto ha santo

Se a luz do meu olhar dardeja pelo espaço,
Envolvem-se a tremer nas armaduras de aço
Os despotas antigos ...
E hei de despedaçar as ferreas gargalheiras
E todas as prisões e todas as barreiras
Forjadas pelo mal,
Até que toda a alma e todo o peito humano
Seja um ninho de luz, e seja um Vaticano
D'amor universal.

na alma, a começar pela dignidade humana, pisada a pés pelo dogma do peccado; — do pensamento moderno, para quem a consagração do Universo moral, matou de vez as projectas doutrinas do empirismo sensualista, e o dualismo primitivo da materia e do espirito, do bem e do mal, de Deus e do Diabo.

Mas não é somente a corda épica, a que a musa lhe manda ferir. Pelo contrario. A *Morte de D. João*, animada de principio a fim por um pensamento épico, é um poema humorístico, vasado, e vasado de mais, nos molles de Espronceda, de Heine, de Baudelaire e de Swinburne. O baudelarianismo na poesia é um vicio de gosto que ataca hoje em dia os melhores. O requinte de sensibilidade dolente a que a elevação da vida psychologica moderna conduz os espiritos delicados; e o requinte de sybaritismo a que as contradicções moraes e economicas da nossa época tem levado os sentidos; dão as mãos para produzirem a tendencia, geral de mais para ser artificial, de uma das faces da poesia contemporanea. Combine esta tendencia com a influencia dos modelos classicos de um genero, combine-a com as necessidades estheticas do artista, e com o jugo da arte-poetica de uma escola, e tercis a applicação do baudelarianismo, que nem por isso deixa de ser uma preversão de gosto.

Succede n'este momento o que sempre succedem. Os bordeis, as pustulas, a miseria ascorosa e as bacchanas impudicas, são apenas figuras de rhetorica, chavões de escola, como o foram para os românticos os crimes a serio, o luar, a meia noite, o espectro, o plebeu notivo, a cortezia democrata, e a eterna e parvoissima figura da meretriz santa, de Magdaleena.

Quanto a mim a technologia baudelariana é o defeito artistico da *Morte de D. João*. Azorregar os vícios, ou blasphemando ou rindo, é sempre bom, mas é necessario que se trate dos vícios, que se vejam os costumes, e não em vez d'elles uma sociedade convencional de meretrizes e de paes que põem as filhas em leilão á janella; convencional e rhetorica, porque a final o nosso mundo, a nossa sociedade, não são assim.

Diz-nos o poeta que

A arte é hoje uma infiel Ninon:
Magra, elegante, anemica, fransina,
Triste belleza delicada e fina,
Doidamente vestida á *Benetton*.

Mas qual arte? Não é essa a da musa épica dos monumentaes alexandrinicos do prologo. Não é; é a arte que vem de Paris em volumes da casa Levy, e que a final em Paris mesmo é apenas a pigmenta venenosa que aguçá o paladar embotado de D. João *crevé* e das Imperias.

Será não condemnar o humorismo em nome da *moral em acção*, a cousa mais immoral, por ser a mais imbecil, que existe? Por fórma alguma. O humorismo é a fórma necessaria e adequada do lyrismo contemporaneo; distinguimos porém entre o genero e a rhetorica de um dos exemplares d'esse genero, que é o mais conhecido em Portugal. *Humour* e do melhor quilate, traços de Heine ou de Swinburne peninsular, se encontram a cada pagina na *Morte de D. João*: razão de mais para que o artista ponha de parte os logares communs de um supposto realismo; deixe isso a quem não dispõe d'outros materias.

É por uma noite escura:

..... ao longe dir-se-hia
Que os choros divinaes depois de alguma orgia
Partiram, cambaleando, a abobada do espaço,
Caindo sobre a terra em fulgido estilhaço.

Eis um exemplo de verdadeiro *humourismo*, e uma idéa poetica de incontestavel valor. Outra:

O poeta
Satanaz, meu amigo!
.....
Mas 'inda agora vejo, andas de luto...

O diabo
Morreu-me meu irmão, o Padre Eterno.

O *humour* que dava além uma idéa poetica, traduz aqui um pensamento philosophico; não é uma blasphemia, é uma rigorosa verdade. O Diabo e o Padre Eterno são a these e a antithese de uma proposição theologica resolvida pela philosophia, que é a do poema. O Bem contrapõe-se ao Mal, um é a condição necessaria do outro; não podem existir isolados; a morte de qualquer d'elles implica a do companheiro. Se o Bem e o Mal se confundem na idéa do Absoluto, se o Diabo e o Padre Eterno se resolvem na idéa de Deus que é um aspecto do Absoluto, a expressão do poeta é uma verdade theologica affirmada humoristicamente.

Quando uma lousa cae sobre um cadaver mudo,
Dizem: «tudo acabou...» E principia tudo.
De nada vale o bronze e a lapide marmorea;
Alguem a vae partir; o *alguem* chama-se a Historia.